



Mayo - Julio 2001

## Jornalismo de Precisão - História e Conceito

Número Actual

Número Actual

Números Anteriores

Editorial

Sítios de Interés

Novedades

Ediciones Especiales



Carr. Lago de Guadalupe Km. 3.5, Atizapán de Zaragoza Estado de México.

Tels. (52) 58 64 56 13  
Fax. (52) 58 64 56 13

Por Lara Viviane Silva de Lima\*  
Número 22

"Toda a nossa ciência, comparada com a realidade, é primitiva e infantil – e, no entanto, é a coisa mais preciosa que temos."  
Albert Einstein (1879-1955)

A partir da década de 80, grandes jornais americanos passaram a fundamentar suas notícias e reportagens em pesquisas próprias, em parte por desacreditarem nas pesquisas solicitadas por políticos (Meyer, 1993, p. 28). Baixas tiragens também levaram os editores desses jornais a procurar o aperfeiçoamento do produto jornalístico por meio de cobertura mais científica (Idem, p. 31). O começo dessa busca coincidiu com o acesso, pelos jornais, a computadores e bases de dados, nos anos 70. Em 1989, *The Washington Post*, *USA Today*, *Los Angeles Times* e *The New York Times* inauguraram suas seções de bases de dados, conforme relata José Luis Dader (Idem).

Aplicando ferramentas do Jornalismo de Precisão, alguns veículos tiveram suas reportagens premiadas com o Pulitzer: Em 1985, o *Dallas Morning News* obteve tal reconhecimento pela reportagem em que denunciou a segregação racial em habitações públicas do Texas e, três anos depois, o prêmio foi concedido ao *Atlanta Constitution*, que provou haver discriminação entre raças nos empréstimos hipotecários feitos pelo governo federal (Idem, p. 45). Meyer publicou o primeiro livro sobre o assunto, *Precision Journalism. A Reporter's Introduction to Social Science Methods*, em 1973.

Muito antes de influenciar a grande imprensa americana, as idéias de Meyer provocaram mudanças no próprio meio em que foram geradas, o acadêmico, e nos jornais de médio porte onde foram testadas. Segundo Meyer, tudo começou com o curso que fez na Universidade de Harvard entre 1966 e 1967, sobre métodos empíricos de investigação social. Neste último ano, teve oportunidade de aplicar tais métodos na cobertura jornalística dos distúrbios de rua de Detroit, reportagem publicada pelo *Detroit Free Press* (Idem, p. 22).

A pesquisa feita para essa reportagem derrubou as duas teorias até então aceitas sobre os atos de vandalismo na cidade. Ao contrário do que se pensava, as depredações não partiam predominantemente de pessoas com baixo nível de instrução e de negros oriundos do Sul (Idem, 43). Com o cruzamento de dados, o *Detroit Free Press* "descobriu que as pessoas com nível superior haviam participado dos distúrbios em percentagens similares às que não tinham chegado a completar o segundo grau" (Idem).

A experiência havia mostrado que os métodos de investigação social são aplicáveis ao jornalismo. Segundo Meyer,

Tal como foi originalmente concebido, durante os movimentos de protesto social dos anos 60, o Jornalismo de Precisão era uma via de ampliação do equipamento instrumental para que o repórter convertesse em material de indagação minuciosa os assuntos até então inacessíveis ou somente

acessíveis de maneira muito vaga. Esta forma jornalística resultou de especial utilidade para escutar a voz dos grupos dissidentes e minoritários que estavam lutando pelo reconhecimento de uma representação (Idem, p. 294).

Os experimentos de Meyer resultaram num manuscrito intitulado provisoriamente *A aplicação dos métodos científicos de investigação social e psicossocial na atividade jornalística* (Idem p. 22). Foi neste formato que as conclusões obtidas pelo jornalista foram reproduzidas em fotocópias e difundidas entre estudantes das universidades de Dakota do Norte e Óregon. O nome "Jornalismo de Precisão" foi empregado por Everette Dennis, em 1971, para explicar aos estudantes desta última instituição o "novo jornalismo" proposto por Meyer. De acordo com o próprio Meyer, Dennis usou o adjetivo "de precisão" para diferenciar este jornalismo, baseado no método científico, daquele "novo jornalismo" de enfoque literário que tornou famosos jornalistas como Tom Wolfe nos anos 60 (Idem).

"Decidimos que o termo descritivo de Dennis era o que melhor soava e, assim, o adotamos". Em seguida à publicação do manuscrito, sob o título *Precision Journalism. A Reporter's Introduction to Social Science Methods* (1973), outros autores trataram do assunto. McCombs, Shaw e Grey publicaram *Handbook of Reporting Methods*, em 1976 (Idem, p. 12). Em parceria com Weaver, McCombs também publicou, quatro anos mais tarde, o artigo "Journalism and Social Science: A New Relationship?". Em 1981, McCombs, Shaw, Cole e Stevenson divulgaram o Jornalismo de Precisão na Europa, publicando na revista *Gazette* o artigo "Precision Journalism: An Emerging Theory and Technique of News Reporting". Três anos depois, este artigo foi publicado pela revista italiana *Problemi dell' Informazione* (Idem).

De acordo com Meyer, o Jornalismo de Precisão foi bem recebido no ambiente acadêmico. Assim como jornais e revistas, escolas de jornalismo americanas criaram departamentos de Jornalismo de Precisão ou de *Database Journalism* (Idem, p. 12). Aos estudantes e professores de jornalismo, o Jornalismo de Precisão

Demonstrava a aplicabilidade dos métodos científicos de investigação social aos problemas reais mais característicos da elaboração de notícias numa sociedade crescentemente complexa (Idem p. 27).

Entre os profissionais, contudo, a aplicação do Jornalismo de Precisão encontrou forte resistência, sobretudo devido a uma compreensão estreita dos ideais de objetividade dos jornalistas. Para os que pregam a objetividade no jornalismo, não cabe aos repórteres e editores assumir posição diante dos fatos, mas apenas apresentar diferentes opiniões sobre os temas contraditórios. Partindo dessa premissa, muitos jornalistas concluíram que os meios de comunicação não devem fazer pesquisas de opinião, e sim publicar as sondagens feitas por outros órgãos (Idem p. 28).

Meyer contra-argumenta que "o modelo da objetividade foi desenhado para um mundo muito mais simples, onde os fatos desnudos poderiam falar por si mesmos" (Idem). Tanto esse modelo é inadequado que, já nos anos 60, "a frustração com o inalcançável ideal da objetividade" levou parte dos jornalistas a aderirem ao "novo jornalismo", aquele de caráter literário. Na opinião do autor, apesar de os esforços nesse sentido serem válidos, a literatura não oferece a disciplina que o jornalismo requer.

Uma solução melhor consiste em aproximar o jornalismo do método científico, incorporando os poderosos instrumentos de que a ciência dispõe, tanto para a coleta como para a análise de dados,

assim como sua busca sistematizada de uma verdade verificável (Idem. p. 29).

Após ter ministrado 16 cursos acadêmicos sobre o tema, Meyer publicou, em 1991, seu segundo livro sobre Jornalismo de Precisão, *The New Precision Journalism*, que traz exemplos práticos da aplicação de metodologias das ciências sociais, como a estatística, no jornalismo. Meyer contou com o apoio do jornal *USA Today* e com os serviços informativos da CBS para testar a teoria em experiências jornalísticas (Idem . p.23).

Neste livro, o autor trata também da Reportagem Assistida por Computador (*Computer Assisted Reporting*), variante do Jornalismo de Precisão que prevê a realização de reportagens a partir de informações de bases de dados. Para usar este recurso, os jornalistas têm que saber de que forma acessar e como interpretar informações dessa procedência. Segundo José Luis Dader, tradutor de *The New Precision Journalism* para o espanhol, a Reportagem Assistida por Computador (CAR), ou "jornalismo de rastreo de dados por computador é, sem dúvida, o que mais espetacularmente está crescendo, dentro da ampla gama de atuações de precisão" (Idem, p. 13).

A legislação americana, favorável ao livre acesso às bases de dados custeadas pelo Estado, contribui para isso. Mesmo os pequenos jornais, que a princípio não teriam condições econômicas para dispor da tecnologia necessária, contratam os serviços de escolas de jornalismo equipadas com máquinas sofisticadas (Idem). Os principais argumentos dos que desaconselham a adoção do Jornalismo de Precisão pelos países iberoamericanos são as legislações que dificultam o acesso às informações e a inexistência de bancos informatizados de informação pública (Idem, p. 16). "Essa é grande cartada para dizer que se passarão décadas antes que possamos imitar trabalhos como os citados no livro apresentado", antecipa Luis Dader. Ele esclarece que:

A primeira e fundamental ferramenta do Jornalismo de Precisão é a imaginação e a segunda, a aprendizagem de certas regras - tampouco demasiadas - da metodologia científica. Só com ambas pode-se abordar uma infinidade de projetos de pressuposto insuficiente, reduzido volume de dados e acesso aberto a qualquer curioso. O Jornalismo de Precisão não é só para empresas jornalísticas ricas e sociedades ultratecnologizadas, mas também para qualquer jornalista anticonvencional e anti-rotineiro com um mínimo de treinamento nos rigores da análise sistemática de dados objetivados (Idem, p. 16).

A realidade que Luis Dader observa nos países europeus é comparável à brasileira. Ele identifica "evidências isoladas de trabalhos de precisão em diferentes meios europeus, mas, salvo o que pudesse contribuir alguma investigação hipoteticamente em curso, o panorama europeu ainda está muito distante de oferecer um movimento de percepção coletiva e atuação generalizada nesta linha" (Idem, p. 13). Na Espanha, jornalistas publicam reportagens de relativa precisão, mesmo sem ter consciência da sua classificação como Jornalismo de Precisão (Idem. p. 14).

No Brasil esse direcionamento do jornalismo ainda é pouco conhecido, até porque nenhum dos livros sobre o assunto foi traduzido para o português. Acreditamos que muitos jornalistas se aproximam dos ideais do Jornalismo de Precisão, na medida em que se empenham em apurar informações com rigor, com o objetivo de melhorar o produto final. Alguns deles certamente usaram métodos científicos na elaboração de suas matérias antes do surgimento de qualquer teoria a respeito.

Uma lista de discussão sobre Jornalismo de Precisão,  
criada recentemente na Internet,

é coordenada pelo jornalista Marcelo Soares, repórter, na época, do *Correio do Povo* de Porto Alegre que desenvolvia monografia sobre o tema na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (URGS). Apesar de este conceito ser praticamente desconhecido no país, Marcelo acredita que "existe lugar para o Jornalismo de Precisão no Brasil"; o fato de as redações dos jornais e a maioria dos departamentos da administração pública estarem informatizados facilitaria esse processo. A opinião de Soares é reforçada pela opinião do próprio Meyer, que foi contatado pelo brasileiro via e-mail:

Uma democracia em desenvolvimento cria forte demanda tanto por medições da opinião pública quanto por jornalismo investigativo, logo o momento é excelente. Ficaria mais otimista quanto às possibilidades se o sistema não fosse tão hostil às inovações.

A única exceção à regra de que as empresas de comunicação brasileiras ignoram o Jornalismo de Precisão é a *Folha de São Paulo*. Segundo Soares, dois jornalistas da organização mexicana Periodistas de Investigación, filiada à Investigative Reporters and Editors, visitam o jornal três vezes por ano para difundir a Reportagem Assistida por Computador (CAR). "Porém, até hoje apenas um repórter deles, chamado José Roberto de Toledo, demonstra intimidade com o uso do computador como ferramenta de reportagem", afirma Soares, que ainda não publicou seus textos sobre o assunto.

Segundo Meyer, Jornalismo de Precisão é a aplicação de métodos científicos de investigação social e comportamental à prática do jornalismo (Meyer 1993, p. 14). De acordo com Luis Dader, os métodos referidos por Meyer são a sondagem ou pesquisa de opinião, o experimento psicossocial e a análise de conteúdo. No ponto do jornalista espanhol, também autor de trabalhos sobre o assunto, o Jornalismo de Precisão excede o campo da sociologia. Outras áreas da investigação científica já foram abordadas com os métodos do Jornalismo de Precisão. Exemplifica com a investigação médica ou biológica e estudos sobre meio ambiente. Luis Dader resume que "é o controle e a indagação sobre o método, em definitivo, o que permite falar de Jornalismo de Precisão" (Idem, p. 15).

---

*\*Lara Viviane Silva de Lima*

*obtuvo el grado de Maestría en Ingeniería de Producción en la Universidad Federal de Santa Catarina (Florianópolis, Brasil, abril de 2000) con la tesis *Jornalismo de precisión e jornalismo científico: estudo da aplicabilidade, del que reproducimos un fragmento del capítulo I. Este texto fue publicado en **Sala de Prensa**. (<http://www.saladeprensa.org> No. 21, julio de 2000, Año III, Vol. 2).**